

**A natureza pelas lentes de Sebastião Salgado:
a narrativa poética do documentário O Sal da Terra**

*The nature by the lenses of Sebastião Salgado:
the poetic narrative from the documentary The salt of the Earth*

Gisele GABRIEL¹

Resumo

O documentário O Sal da Terra (2014), conta a história de vida do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado e o caminho percorrido até a construção da obra Gênesis (2013). A fotografia humanista e com forte sensibilidade estética transmite mensagens e reflexões sobre a condição humana e o mundo em que habitamos. Valoriza-se o engajamento do olhar para compreensão do contexto contemporâneo. Chegamos à conclusão de que a poesia visual é uma das formas utilizadas aqui para conduzir o público a uma experiência sensível sobre a natureza.

Palavras-chave: Sebastião Salgado. O Sal da Terra. Documentário. Fotografia. Narrativa poética.

Abstract

The documentary The Salt of Earth (2014) tells the life story of the brazilian photographer Sebastiao Salgado and the path taken until the construction of Genesis (2013). Humanistic photography with a strong aesthetic sensibility transmits messages and reflections about the human condition and the world in which we live. The engagement of the gaze is valued for understanding the contemporary context. We come to the conclusion that visual poetry is one of the ways used here to lead the public to a sensitive experience of nature.

Keywords: Sebastiao Salgado. The Salt of Earth. Documentary. Photography. Poetic narrative.

Introdução

A fotografia, desde seu surgimento tem sido usada como uma ferramenta para registrar os fatos, o real. Kossy explica que:

¹ Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (UNISO).
E-mail: gisele83gabriel@gmail.com

A chamada “fotografia documental” abrange o registro fotográfico sistemático de temas de qualquer natureza captados do real; no entanto, existe, em geral, um interesse específico, uma intenção no registro de algum assunto determinado. É em função disso que surgiu o hábito de se separar ou dividir a foto documentação por classes ou categorias de documentação: jornalística, antropológica, etnográfica, social, arquitetônica, urbana, geográfica, tecnológica etc. Essas classificações são, não raro, pouco convincentes, posto que permitem leituras sob diferentes abordagens, de acordo com a formação ou interesse pessoal dos diferentes receptores. Uma única imagem reúne, em seu conteúdo, uma série de elementos icônicos que fornecem informações para diferentes áreas do conhecimento: a fotografia sempre propicia análises e interpretações multidisciplinares (KOSSOY, 1999, p. 51).

A partir do exposto por Kossoy, perceber a fotografia como um meio que pode estabelecer pontes com outras disciplinas, apoiando-as, especialmente com a sociologia, a antropologia, a psicologia, a semiótica e a comunicação. Contudo, a imagem fotográfica não é apenas uma impressão luminosa, ela detém, imobiliza, destaca, separa a duração, captando dela um único instante. A foto é como uma fatia única e singular de espaço-tempo, literalmente cortada ao vivo (DUBOIS, 2008).

Vale destacar, porém, que, como fatia, ao mesmo tempo em que expõe uma realidade, a fotografia negligencia outras tantas partes desse mesmo real, bem como, sendo montagem e seleção, inclui o olhar do fotógrafo, sua interpretação dessa fatia de real. É possível afirmar, também, que essa fatia de real recortada pelo fotógrafo é capaz de se animar aos olhos do público receptor, tornando-se, na interação com este leitor, uma forma de narrativa, por sua potência de representar os fatos, reconstituindo-os, reorganizando-os, transformando-os. O papel da fotografia não é o de ser um detector de mentiras ou verdades, e sim, um registro do passado e a promessa do eterno. Por isto, fotografar é um ato de escolha, de seleção (SANTAELLA, 2012).

Para Aumont (2008, p. 313) “a imagem em geral costuma ser vista como uma espécie de extensão da imagem artística”, porquanto tanto na arte como nas imagens, em geral, há uma poderosa forma de representação ou construção do real (HANKE, 2017), mas também uma possibilidade de experiência estética.

Para Dravet e Castro (2007, p. 75) “a poesia amplia o real porque constrói realidades”. Ela está diretamente associada ao belo, à estética, à arte, ao pensamento, à

contemplação do mundo, à sensibilidade, ao símbolo, ao mito, à mágica e à imaginação (DRAVET, 2014). Desta forma, compreendemos que o registro fotográfico também pode ser uma das formas de materialização do poético. Uma poesia visual, que registra os momentos e preserva as memórias.

O fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado – nascido na cidade mineira de Aimorés, em 1944 -, premiado e reconhecido mundialmente por seu estilo singular de fotografar, exclusivamente em preto e branco, é considerado por muitos o melhor fotógrafo documental da atualidade.

Em sua obra podemos perceber uma construção poética, um modo de fazer, que a singulariza e imprime um estilo que permite reconhecer, nas imagens, o olhar singular do fotógrafo, o que acaba por estabelecer uma conexão sensível com o espectador destas imagens.

Segundo Lotman (1978), o texto artístico é um texto carregado de complexidade, no qual todos os elementos são elementos de sentido. As imagens apreendidas por Salgado são imagens complexas, pois não há nelas nada aleatório ou que possa ser suprimido. Todos os espaços do quadro são espaços significantes, que afetam a percepção do fruidor, sobretudo por seu poder de recriar o mundo, oferecendo uma multiplicidade de sentidos que não excluem a subjetividade, a esfera do sensível, da emoção. A oferta de Salgado se faz em um mundo preto e branco, de luz e sombras, que de modo informativo e como índice do real, critica, denuncia, faz refletir, mas que por sua poesia, sensibiliza e reconecta o homem a outras esferas sociais, negligenciadas e esquecidas.

Para Lotman (1978), o texto artístico é um texto econômico, pois é capaz de produzir uma polissemia de significados em um curto espaço, no caso de Salgado, um quadro abarca múltiplas possibilidades de construção de sentidos. As fotografias de Salgado são capazes, de forma econômica, a partir de uma única imagem, de produzir narrativas sobre os problemas mais drásticos da humanidade.

A linguagem poética, segundo Silva (2007), é erótica, ao despertar os sentidos do receptor, provocando-o à reação, sinestésicamente. Há nela o potencial de provocar uma experiência, uma transformação na subjetividade, que transcende a interpretação racional. Comparamos essa transformação ao acontecimento comunicacional definido por Ciro Marcondes Filho, e à ideia de comunicação dialógica, de Flusser.

Segundo Silva e Da Silva (2017), Ciro Marcondes Filho (2004) defende que o acontecimento comunicacional é o evento mais autêntico da comunicação. É um fenômeno que pode promover um sentido tão ímpar no sujeito que pode mudar a sua história.

Em relação a comunicação dialógica e discursiva, Flusser (2008) ao separá-las, esclarece que o discurso consiste na conservação das informações por meio da sua partilha, enquanto que o diálogo se faz de vários discursos compartilhados, que se transformam. Para ele, a comunicação necessita de maior equilíbrio entre discursos e diálogos.

Ao expor estes conceitos, relacionamo-os às fotografias de Salgado, que ao apresentarem uma forma de contato humanizada com a realidade do outro, podem ser formas dialógicas e podem se configurar em um acontecimento comunicacional.

Salgado e sua obra

Antes de se tornar um fotógrafo reconhecido mundialmente, Salgado graduou-se em Economia e, durante a ditadura militar no Brasil, decidiu deixar o país, indo morar na França. Em terras europeias, ele começou sua trajetória usando a câmera fotográfica de sua mulher, Lélia Wanick Salgado. O casal teve dois filhos, Juliano e Rodrigo Salgado. E, em *O Sal da Terra*², é Juliano quem conta que, mesmo com a ausência do pai, quando criança, via o fotógrafo como um desbravador do mundo, um super-herói.

Durante os anos 70, Salgado profissionalizou-se em fotografia. Desde então, tornou-se um especialista em retratar a crueldade da realidade humana, além de acontecimentos trágicos como, por exemplo, o massacre em Ruanda³.

Depois de passar por algumas agências fotográficas, enquanto estava trabalhando para a Magnum⁴, foi o único repórter fotográfico a registrar o atentado a tiros cometido por John Hinckley Jr. contra o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, no dia 30 de março de 1981, em Washington, nos Estados Unidos.

² *O Sal da Terra* (2014) - documentário biográfico. Foi indicado ao Oscar em 2015.

³ Em 1994, cerca de 800 mil pessoas e membros da comunidade tutsi, foram massacradas em Ruanda pelos hutus.

⁴ Agência cooperativa de fotógrafos, fundada em 1947.

Os méritos de Salgado são muitos. Ao longo dos anos, ele tem contribuído com organizações humanitárias, incluindo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, (ACNUR), a Organização Mundial da Saúde (OMS), a ONG Médicos sem Fronteiras e a Anistia Internacional.

A profundidade das imagens retratadas por ele, a luz usada e a ausência de cores, podem ser vistas em todas as suas obras: Trabalhadores (1996); Terra (1997); Serra Pelada (1999); Outras Américas (1999); Retratos de Crianças do Êxodo (2000); Êxodos (2000); O Fim da Pólio (2003); Um Incerto Estado de Graça (2004); O Berço da Desigualdade (2005); África (2007); Gênese (2013) e Perfume de Sonho (2015).

Durante sua obra Êxodos, Salgado se deparou com cenas bárbaras e terríveis como o genocídio de Ruanda. Após presenciar tantas atrocidades, adoeceu e teve que parar por um tempo com a fotografia. E foi isso que originou sua obra Gênese - trabalho realizado entre 2004 e 2012, resultado de uma viagem em mais de 30 países.

Salgado (2014) define a fotografia como sua vida e, suas fotos são os seus momentos intensamente vividos. Para ele o mais importante é produzir relatos fotográficos a fundo, ou seja, durante anos, o que nos leva ao que cogitamos na introdução deste texto: não apenas são imagens com grande potencial poético e narrativo, mas também são narrativas cuja intenção do fotógrafo é a de tornar-se um narrador de seu tempo, compartilhando a sua própria experiência, experiência esta que segundo Benjamin (1994) é uma prerrogativa de uma das formas de narrar, aquela do narrador viajante, que sai em busca do que será compartilhado, mediante a vivência em outros espaços. Salgado afirma que a única maneira de contar uma história é voltar ao mesmo lugar várias vezes. Neste sentido, dado o que afirma o fotógrafo, há em suas fotografias, de antemão, uma intenção narrativa, mas de um narrar que envolve profundidade e humanismo.

Narrado e protagonizado por Salgado, o documentário biográfico O Sal da Terra (2014) - dirigido pelo cineasta alemão Wim Wenders e codirigido pelo filho do fotógrafo, Juliano Salgado -, conta sua trajetória. O filme não documenta apenas a carreira de Sebastião Salgado, mas também os projetos realizados, que são descritos pelo próprio fotógrafo.

Salgado descreve seu trabalho na mina de ouro de Serra Pelada (Fig. 1), no Pará, descoberta em 1980 – cerca de 50 mil homens trabalhavam ali, sem uma única ferramenta mecânica, a setenta metros de profundidade (SALGADO, 2014) –; onde homens não eram escravos, porém, como o próprio Salgado diz “escravos de si mesmo, do sonho de enriquecer”.

Figura 1: Serra Pelada



Fonte: Imagem capturada no documentário O Sal da Terra.

A imagem remete, analogamente, ao formigueiro: homens escavando e criando caminhos subterrâneos, reconstruindo os veios da terra, da rocha. Tornam-se, sobretudo pelo uso do P & B, tão pétreos e duros quanto o ambiente em que estão, desumanizados e seminus, misturados ao lugar que eles mesmos criaram. E são muitos homens: pontos indistintos, corpos desvinculados de sujeitos, não individualizados, mas apenas um conjunto de texturas e pontos confusos com o fundo da imagem. Não é uma representação aleatória, mas uma poética que norteia o narrar que Salgado quer trazer à imagem.

Durante o documentário é possível perceber que cada projeto é meticulosamente estudado antes de ser executado, o que confirma uma poética, a opção do não aleatório. Um grande exemplo disso é seu trabalho Êxodos (2000). Realizado ao longo de seis anos, conta a história de povos que fogem da pobreza e de guerras.

Após retratar situações marcadas pela violência e miséria, e pausar a carreira, Salgado se reinventa com o projeto Gênese – a partir de 2004, após a dor exposta em

Êxodos. A proposta desse projeto, além de lançar um olhar mais positivo acerca da humanidade e do planeta, é registrar ecossistemas praticamente intactos pelo homem. Com Gênesis, descobrindo o planeta, Salgado diz ter descoberto a si mesmo (SALGADO, 2014).

O documentário também nos conta sobre o Instituto Terra⁵ (Fig. 2), criado a partir da iniciativa do casal, Lélia Deluiz Wanick Salgado e Sebastião Salgado, diante do cenário de degradação ambiental em que se encontrava a antiga fazenda da família de Salgado, na cidade mineira de Aimorés. O sonho do casal rendeu muitos frutos, mais de 7.000 hectares de áreas degradadas estão em processo de recuperação e mais de 4 milhões de mudas de espécies da Mata Atlântica já foram produzidas em seu viveiro. A fazenda, antes completamente degradada, atualmente abriga uma floresta rica em diversidade de espécies. O documentário é encerrado com um sopro de esperança. A capacidade de renovação da humanidade, trazida então por Gênesis.

Figura 2: Instituto Terra



Fonte: Imagem capturada no documentário O Sal da Terra.

Aqui, se faz necessário adicionar a ideia de complexidade de Edgar Morin, que se encontra no âmago da relação entre o pensamento simples e o pensamento complexo.

O pensamento complexo não é o oposto do pensamento simplificado, mas sim o integra. Deve-se buscar a complexidade onde ela está ausente, como por exemplo no

⁵ Organização civil sem fins lucrativos, fundada em abril de 1998.

cotidiano. Pensar o complexo significa ser capaz de unir conceitos divergentes, de construir, desconstruir e depois reconstruir algo novo (MORIN, 2007).

Salgado, após ter visto as atrocidades cometidas pelo homem, no mundo, e após denunciá-las por meio de suas fotografias, percebe-se separado do mundo, da natureza. Ao redescobrir o mundo e querer recontar a sua história, narrando sobre lugares intocados, parece querer construir uma outra narrativa, a da possibilidade de esperança se, pensando com Morin, reintegrarmos-nos à totalidade da natureza. Parece que a cultura desconectou o homem do todo – certa cultura, a cultura da guerra, o ódio de etnias por outras etnias, os fundamentalismos e fanatismos religiosos. É esta história que Salgado narra, e esta que o faz adoecer, a da desconexão, da petrificação do homem, e é outra que ele quer contar depois. Uma história que o arremessa para o desconhecido, que o reinventa e, em consequência, reinventa as imagens que produz, agora coloridas, nas quais há uma natureza exuberante, magnânima e hiperbólica. O orgânico dá lugar ao inorgânico. O escuro é substituído pela luz: verde que conota a esperança.

Narrativas do olhar: atravessando imagens, construindo afetos

A origem da palavra fotografia em grego significa luz (*fós*) e escrever/desenhar (*grafê*). Sendo assim, um fotógrafo é alguém que desenha com a luz (O Sal da Terra, 2014).

As imagens vêm do escuro, da invisibilidade, da mente, do sonho. Elas possuem o poder de evocar coisas ausentes, trazendo-as para o presente. E é o excesso de imagens externas, exógenas, que nos faz esquecer que podemos sonhar, pensar, fantasiar, produzir imagens endógenas, ou seja, imagens internas (BAITELLO JÚNIOR, 2017).

Tomando o pensamento flusseriano, vive-se o ápice da massificação fotográfica, porém, quanto mais aumenta o ato de fotografar da população, mais diminui a compreensão do significado deste ato. A grande maioria compreende perfeitamente o ato de tirar fotos como apertar botões e realizar enquadramentos, porém isto não transforma ninguém em um bom leitor de imagens fotográficas. Pois, o ato de fotografar não é como o ato de escrever, que nos obriga a saber ler. As imagens fotográficas são

conceitos. A compreensão das normas da fotografia é difícil para o observador ingênuo, pois ele é incapaz de reconhecer que as imagens fotográficas são conceitos transcodificados que apenas pretendem ser impressões automáticas do mundo (FLUSSER, 2002).

A fotografia tem a utilidade de intervir socialmente e também como instrumento para registrar e documentar a história e, a partir dela, conseguimos localizar uma época no espaço e no tempo, bem como compreender e analisar a sociedade retratada. (...) o conteúdo das imagens visuais provoca em cada um de nós impactos diferentes; em função disso, também, é impossível haver "interpretações-padrão" sobre o que se vê registrado nas imagens (KOSSOY, 1999, p. 46).

Para Flusser (2002), a fotografia enquanto objeto não possui valor algum, mas esse valor está na informação contida. Isso torna a fotografia o primeiro objeto pós-industrial da história: seu valor transferiu-se do objeto para a informação. Pois, deseja-se informação e não mais objetos. O declínio do objeto e a emergência da informação são mais explícitos nas fotografias que nas demais imagens técnicas que nos rodeiam. O receptor de um programa de TV por exemplo não segura nada em sua mão, enquanto o receptor da fotografia ainda tem um objeto entre os dedos. Ao segurar a fotografia, o receptor se coloca contra o objeto e em favor da informação. Resumidamente, as fotografias não têm valor, este reside na informação que guardam, o interesse se desvia para a informação e não para o objeto, afirmação que se revela ainda mais presente nas imagens digitais, nas quais permanece apenas a informação, já que o objeto deixou de existir.

A imagem fotográfica pode captar e promover afetos, bem como produzir narrativas cujos efeitos podem surtir em emoção, beleza, tristeza e esperança. Assim, podemos dizer que as imagens comunicam.

Para Morin (2005) o ser humano produz uma linguagem racional e outra simbólica. E, o estado poético pode manifestar-se também por meio das artes, tocando os sentidos, possibilitando o encantamento, como no caso das fotografias de Salgado.

Com base em Pichiguelli e Silva (2017), o poético é uma qualidade da linguagem, que ultrapassa palavras e rimas. Ele revela-se nas imagens, nos sons, no corpo, em múltiplos suportes midiáticos.

A comunicação como acontecimento comunicacional guarda, portanto, em comum com o sagrado e o poético, a produção de vínculos, o afeto – no sentido daquilo que nos afeta – e a possibilidade de transcendência, por meio de uma conexão – o religare –, princípio comum tanto ao acontecimento comunicacional quanto à poesia e à religiosidade (PICHIGUELLI; SILVA, 2017, p. 15).

As fotografias de Sebastião Salgado podem produzir este religare, que transcende as imagens. Suas fotos constroem uma narrativa visual, uma dimensão que permite evocar a compaixão, pois seu trabalho é fortemente influenciado pela condição humana, em seus aspectos mais carentes de denúncia: a miséria, as injustiças, a violência, as guerras, enfim, os problemas sociais ao redor do mundo.

Em sua obra *Gênesis*, as imagens impressionam por nos mostrarem o quanto nos distanciamos da natureza e dos povos que não fazem parte dos centros urbanos e da sociedade midiática (JUNIOR; ROMANINI, 2014).

As fotos incluem pessoas que vivem em um equilíbrio ecológico com seu ambiente e também de paisagens diversas onde se concentram espécies como focas, baleias ou gorilas; e outras características de paisagens, como dunas ou montanhas.

Gênesis é uma dessas obras pelas quais podemos estudar um pouco de história, mais especificamente uma história da vida segundo impressões da natureza. Fauna e flora eternizadas em registros capazes de nos fazer imaginar além do conhecido. Comunidades ainda não impactadas pelo que poderíamos chamar de “progresso”. (...) (JUNIOR; ROMANINI, 2014, p. 141-142)

Quando Salgado entra em campo, ele se torna um observador participante. Ao compor seus planos, o enquadramento, ele se aproxima do animal, o que demonstra conhecimento sobre a espécie e seu habitat.

Na imagem a seguir (Fig. 3), Salgado nos conta a sensação de tê-la fotografado. Ele compara a pata de iguana com a mão de um guerreiro da idade média, coberta de placas metálicas para se proteger.

Figura 3: Foto pata de iguana da obra Gênesis.



Fonte: Imagem capturada no vídeo O Sal da Terra.

Há, na imagem, um componente estético que a transforma em poesia, pelo encantamento que é capaz de provocar, pela abertura que permite uma constante reconexão com outras esferas de tempo, com outros objetos.

A obra de Sebastião Salgado é construída a partir de um olhar engajado e fortemente comprometido com a transformação social. Ao registrar o mundo e ao narrá-lo, Salgado o recria.

A credibilidade de Salgado como fotógrafo dá a ele também a credibilidade de narrador, portanto, uma autoridade para registrar e para repropor o mundo.

Ao pensarmos a narrativa por meio do conceito de Benjamin (1994), compreendemos que um dos fatores que possibilitam sua perpetuação é a existência da experiência, pois, a narrativa carrega consigo a utilidade, seja em uma lição de moral, num ditado ou norma de vida. De qualquer forma, o narrador é alguém que dá conselhos.

Considerações finais

Ao contemplarmos a obra de Salgado, ocorre que nos conectamos a ele pois, estamos diante do que os seus olhos viram, algo que aconteceu (Barthes, 1984), mas além disso, temos um real reinterpretado poeticamente, por um recorte sensível, uma

assinatura. Não se pode, neste recorte, ignorar o novo impacto trazido pela luz e seu efeito no preto e branco.

A redução das cores a apenas nuances de preto, cinza e branco, parece apontar para aquilo que é essencial em cada imagem, construindo uma narrativa capaz de dramatizar os objetos que aparecem em cena, sejam eles humanos, animais ou elementos da natureza. Trata-se de um novo real, não antes percebido, mas que provoca os sentidos de quem lê as imagens, o fruidor. Não existe esse real da imagem – mas se trata de um dispositivo que visa oferecer um novo modelo de mundo, através da poesia, e outras possibilidades de compreensão desse mundo. O mesmo ocorre com o retorno à cor, que hiperboliza a potência orgânica da natureza e conota a esperança no verde onipresente.

A obra de Sebastião Salgado transmite ao espectador um olhar diversificado sobre o mundo consumista e desigual em que vivemos. E, por meio de suas obras, refletimos sobre nossa contribuição em construir um mundo melhor. Pois, mais do que uma fotografia, vemos um retrato da realidade, uma interpretação da realidade, por meio de um recorte, e uma outra realidade possível, da qual, tomados por um novo modo de olhar para o mundo, podemos encontrar a esperança.

Referências

AUMONT, J. **A imagem**. Papyrus Editora, 2008.

BAITELLO JÚNIOR, N. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, W. **O narrador** (1936) – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DRAVET, F. M. **A criação poética**. 2014

DRAVET, F.; CASTRO, G. A mediação dos saberes e o pensamento poético. In: **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, n. 32, p. 71-77, 2007.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Papyrus Editora, 2008.

FLUSSER, V. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação.** São Paulo: Cosac Naify, 2008.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

HANKE, M. M. **Comunicação e Lebenswelt, racionalidade e experiência estética: uma discussão interdisciplinar a partir de uma perspectiva pragmatista.** Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553, n. 35, 2017.

JUNIOR, S. N. A.; ROMANINI, A. V. Imaginação e fantasia nas fotografias de gênese de Sebastião Salgado. In: **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 40, n. 1, p. 137-148, 2014.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** Ateliê Editorial, 1999.

LOTMAN, I. **A estrutura do texto artístico.** Lisboa: Estampa, 1978.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CHIGUELLI, I.; SILVA, M. C. C. Comunicação, poesia e o religare. In: **Comunicologia.** Brasília: UCB, v. 10, n. 2, p. 3-18, 2017. ISSN 1981-2132.

SALGADO, S. **Da minha terra à Terra.** Editora Paralela, 2014.

SANTAELLA, L. **Como eu ensino: leitura de imagens.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SILVA, M. C. C.; DA SILVA, P. C. **Quadrinhos como mídia: a narrativa histórica e poética de El Arte de Volar e El Ala Rota.** Esferas, n. 9, 2017.

SILVA, M. C. C. **Comunicação e cultura antropofágicas: mídia, corpo e paisagem na erótico-poética oswaldiana.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

Filme

O SAL DA TERRA. Direção: Wim Wenders, Juliano Ribeiro Salgado. Produção: David Rosier. Roteiro: David Rosier, Juliano Ribeiro Salgado, Wim Wenders. 2014. Duração: 1h50min.